

O Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará: o projeto piloto¹

Socorro Cardoso e Abdelhak Razky²

Os Atlas Lingüísticos contribuem para que mais amplamente se conheça a diversidade lingüística do Brasil, diversidade que não anula a unidade, apenas lhe dá a verdadeira dimensão, tornando-a menos "esplêndida" ou menos "notável" como, inadvertidamente, alguns a defendiam ou ainda a defendem. Unidade e diversidade não se defende, constata-se. FERREIRA & CARDOSO (1994).

Um Atlas Lingüístico visa identificar, analisar e mapear a variação lingüística de acordo com um recorte geográfico. A construção de um Atlas Lingüístico é acima de tudo uma tarefa muito árdua e difícil, por isso no Brasil tão poucos Estados já conseguiram elaborar seus Atlas.

O primeiro atlas lingüístico organizado, de acordo com as exigências científicas, de que se tem notícia é o "Atlas Linguistique de la France" (Paris, 1920-10), deste gigantesco empreendimento ocupou-se Jules de Gilliéron, natural da suíça. Dedicado às pesquisas dialetológicas, sentia que faltava base científica às investigações sobre os falares regionais.

Um questionário piloto serviu de base ao inquérito para que Gilliéron pudesse obter informações sobre morfologia, sintaxe e principalmente vocabulário. Com base nesse abundante material, rigorosamente colhido e ordenado, Gilliéron empreendeu uma série de estudos que abriram novas perspectivas à ciência da linguagem.

Não se pode dizer que o imenso trabalho de Gilliéron tenha dado origem a uma nova ciência, na verdade, a Geografia Lingüística é um novo método aplicado aos estudos dos fatos da linguagem que não colide necessariamente com o método histórico comparativo (ELIA: 1978).

O historicismo encara os fenômenos da linguagem do ponto de vista das ciências naturais (Física, Biologia); a Geografia Lingüística situa-se no campo das ciências sociais. O método histórico se baseia em documentos e é por isso essencialmente bibliográfico. O método geográfico investiga a língua oral e daí empreender pesquisa de campo.

No Brasil, temos atualmente publicados cinco atlas lingüísticos e tem-se, em fase de elaboração, outros tantos, o nosso é um deles. Dos primeiros constam o Atlas Prévio dos Falares Baianos - APEB (1963), o Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais - EALMG (1997), o Atlas Lingüístico da Paraíba (1984), o Atlas Lingüístico Sergipe (1987) e o Atlas Lingüístico do Paraná- ALPR (1994).

Mais árdua ainda tem sido a tarefa de construção de um Atlas Lingüístico do Pará, cujas dimensões territoriais têm desestimulado muitos pesquisadores, não só pela enorme distância que separa um ponto de outro, como também pelo

difícil acesso a muito dos pontos selecionados, já nos alertava FERREIRA & CARLOTA (1994) "Requer definir o antes ter coragem para o durante, paciência e gosto para o depois". Apesar disso, a veia dialetológica já está plantada entre nós e assim podemos citar os trabalhos: *Os Falares Paraenses*, da prof.^a Dr. Maria de Nazaré da Cruz Vieira, editado pela Universidade Federal do Pará e a tese de Doutorado *A Fala Cabocla no Interior Paraense*, da prof.^a Dr. Rosa Maria Coelho de Assis.

Por outro lado, é uma tarefa inadiável, sem a qual os avanços dos estudos lingüísticos ficam seriamente comprometidos, como bem coloca ROSSI (1986 17:93):

Hoje não precisa de mais do que bom senso e isenção para compreender que eles(os atlas) permanecem uma das maiores conquistas da Lingüística no séc. XX, mas padecem, como qualquer outro instrumento de trabalho, resultante de qualquer outro método, de suas limitações. [...] embora como inventário preliminar constituam um ponto de partida mais seguro para o aprofundamento dos estudos mais exaustivos [...] e se delimitam já então partindo não de pressupostos extralingüísticos, mas de dados de lingüística interna, colhidos ao vivo, que freqüentemente contrariam todos os pressupostos apriorísticos.

Voltados para a variação diatópica³, não se restringem ao puro mapeamento de fenômenos lingüísticos. Têm apresentado propostas de classificação e análise dos diversos níveis das línguas naturais bem como não se têm descurado de uma cuidadosa metodologia. Dessa forma, interessam não apenas à lingüística mas às demais áreas do amplo domínio do que se costuma denominar Ciências Humanas.

Vivenciamos hoje, em todos os setores, uma desintegração das culturais locais e processos crescentes de padronização. Os poderes estabelecidos têm

1 Este projeto é um esforço conjunto da UFPa/UNAMA e UEPA, através dos Departamentos de Língua e Literatura.

2 Socorro Cardoso é professora da UNAMA/UEPA, e Abdelhak Razky é professor da UFPa.

3 Diferenças de espaço geográfico.

freqüentemente sido alertados para o perigo que paira sobre as políticas de planejamento lingüístico, sem que recorram aos estudiosos que trabalham a partir de grande quantidade de dados sensíveis ao contexto social, com toda a dimensão que esse fato comporta.

É interessante indicar que, no momento, a comunidade européia está instituindo e financiando programas pedagógicos e científicos que tratam da variação lingüística no tempo e no espaço, como por exemplo, o projeto sobre a mudança lingüística e as línguas em perigo de extinção na Europa.

“No Brasil, é preciso, antes de mais nada, criar mentalidade dialetológica, preparando um ambiente favorável às pesquisas de campo”, como bem afirma Serafim da Silva Neto (1957-9). Outro expoente deste tema, comprometido com os estudos sobre a Língua Portuguesa, nos seus mais diferentes aspectos, Celso Cunha contempla, em toda a sua vasta obra, a língua na perspectiva história e chega aos mais diversificados problemas da atualidade. Sempre atento, às questões do ensino, reafirmou a necessidade de empreender-se a execução de Atlas Lingüísticos no Brasil, pois só eles seriam capazes de fornecer os dados de que se necessita para interpretação da realidade em cada sincronia⁴, defendendo a necessidade do conhecimento pleno da língua, dizia (1968:20):

Abandonemos, pois esse ensino inoperante de regras e exceções. Estudemos a língua.

Podemos afirmar que há um fenômeno lingüístico de variação que a escola não reconhece como princípio geral e universal inerente a toda língua natural, que é a heterogeneidade dialetal. E por conta desse descuido, graves erros são cometidos nas avaliações escolares, ao se reconhecer falhas nas manifestações orais e escrita do aluno, quando nem a própria escola é capaz de explicá-las.

Por outro lado, é importante assinalar que sem um Atlas Lingüístico não será possível conhecer e fixar adequadamente as variações da língua que aqui falamos e, por decorrência, entendermos melhor os aspectos históricos e sociais da realidade paraense.

Um Atlas Lingüístico está inserido em um ramo da ciência da linguagem - dialetologia⁵ que se edifica a partir de uma complexa metodologia de trabalho, que busca, na verdadeira fonte, os dados lingüísticos que traçam o perfil do português do Brasil. Faz-se necessário retornar aqui os conceitos de língua e dialeto. Língua, aqui entendida, como um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade, portanto, carregada de variações, consequência direta da diversidade de seus usuários. Dialeto, entendido aqui, como subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a língua. E assim podemos falar de dialeto nordestino, gaúcho, paraense, etc...

Modernamente a denominação dialeto não é só pertinente às variações diatópicas, logo também há variações

sociais e, por analogia, dialetos estilísticos. O conceito de dialeto está aliado ao conceito de isoglossa⁶. As isoglossas delineam contrastes e conseqüentemente apontam semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), mostram contrastes e mostram semelhanças lingüísticas socio-culturais (isoglossas diastráticas⁷), ou ainda podem representar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas⁸).

O termo dialeto é o termo apropriado para utilizarmos neste tipo de estudo, apesar desse termo ter adquirido, ao longo dos últimos anos, um valor pejorativo, carregado de preconceitos, mais sociais que lingüísticos, no sentido de significar um “defeito na língua dita culta”, por essa razão, muitos pesquisadores têm preferido utilizar o termo VARIAÇÃO em vez de dialeto.

Quanto à natureza dos fatos lingüísticos analisados, uma isoglossa pode ser lexical, ou seja, isoléxica, pode ser fônica, isófona e pode ser morfológica, isomorfa e pode ser sintática. Alguns lingüistas, como COSERIU (1982) acham que a dialetologia deve ter como centro de interesse estudar as unidades sintópicas⁹ e sobretudo a diversidade diatópica, enquanto à sociolingüística - outro ramo da ciência da linguagem da qual também lançaremos mão, nesta pesquisa, daí porque o nome de ATLAS GEO- SOCIOLINGÜÍSTICO DO PARÁ- caberia o estudo das unidades sinfásicas¹⁰. No entanto, vale ressaltar que esta divisão não é assim tão pacífica para muitos especialistas. Delimitar o campo de cada uma não tem sido tarefa fácil, visto que, ambas, têm em comum o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala. O importante, como afirma SILVA-CORVALÁN (1988), é que:

[...] ambas estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolingüística, a dialetologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade lingüística.

O ponto de vista sociolingüístico é de máxima importância para determinar as condições e os contextos intra e extralingüísticos onde ocorrem a variação e a mudança lingüística. No primeiro contexto, encontram-se arrolados os fatores fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. No segundo tipo, estão agrupados ao indivíduo (sexo, idade, e etnia), os socio-geográficos (região, escolaridade, renda, profissão e classe social) e os contextuais grau de formalidade e a tensão discursiva.

4 Um estado da língua considerado em seu funcionamento num momento dado do tempo.

5 Ramo da ciência da linguagem que assumiu a tarefa de descobrir comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhes os limites.

6 Linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões lingüísticas.

7 Diferenças entre os distintos estratos culturais socioculturais de uma mesma comunidade idiomática.

8 Diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, de estilos distintos, segundo as circunstâncias em que se realizam os atos de fala.

9 Identificadas mais comumente como dialetos: o dialeto nordestino, o paulista, o cearense, etc.

10 Unidades de estilo de língua, por exemplo, a linguagem formal, a familiar, a literária, etc...

Englobar esses mecanismos do ponto de vista interno e externo possui a dupla vantagem de possibilitar a abordagem do locutor tanto quanto indivíduo social, dentro de uma área geográfica específica, como indivíduo estatístico, que em um mapa geográfico mostra flutuações de um subsistema lingüístico em interação com outros subsistemas.

Portanto, a sociolingüística tem como objeto de estudo a língua em uso no seio das comunidades de fala, estuda a correlação que há entre aspectos lingüísticos e aspectos sociais. Daí entender-se a sociolingüística como um espaço interdisciplinar que atua nas fronteiras entre línguas e sociedade.

A sociolingüística parte do pressuposto que toda variação é motivada por fatores diversos, permitindo, assim, que a heterogeneidade se delinee sistemática e previsível, significa dizer que a variação lingüística não ocorre de forma aleatória, descarta-se totalmente o emprego, pelo falante, de formas lingüísticas por obra do acaso.

Assim, procuraremos descrever e explicar a variação no espaço e no tempo, observando os indivíduos em interação e as "coleções de indivíduos", para não utilizar o termo "comunidade lingüística", que possui implicações subjetivas. A integração da dimensão social nos garante o valor das informações oriundas de um campo bem balizado e nos permite, conseqüentemente, compreender os mecanismos internos envolvidos na variação e na mudança lingüísticas.

Nossa pesquisa envolverá a variação fonética, morfosintática e lexical, sem, entretanto, excluir o fato de estudarmos, ao mesmo tempo, as conseqüências do contato lingüístico entre variações regionais ao nível micro e macrosociolingüístico.

A representação gráfica do tipo cartográfico das variedades estudadas nos permitirá situar melhor as áreas de flutuação. Essa etapa é de interesse maior a todos que desejam conhecer as áreas geográficas e embargar os processos de "atrito" lingüístico em curso. Essa representação cartográfica poderá ser acoplada a um banco de dados que englobe as características sociais das "coleções de indivíduos" que o utilizador poderá consultar de uma maneira interativa, isto é, deixar a possibilidade a um programa de banco de dados que possua um traço histórico e que seja suscetível de ser modificado em função das mudanças lingüísticas e sociais em andamento ou ainda por ocorrer.

O trabalho de construção de um atlas envolve quatro etapas:

- Preparação da pesquisa
- Execução dos inquéritos
- Exegese e análise dos materiais recolhidos
- Divulgação dos resultados obtidos

Primeira etapa

Na primeira etapa faz-se a definição do campo lingüístico

a ser investigado e a determinação da área a ser submetida à investigação dialetal. A primeira fase diz respeito ao arcabouço teórico que envolve um conjunto de estudos que servirá de suporte ao trabalho; deve-se levar em conta, nesta fase, os estudos lingüísticos já existentes sobre a área, ainda que voltados para regiões diversas. A leitura desses estudos visa a instrumentar o leitor interessado no tratamento dado às questões. A segunda fase define-se em razão de sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que tem sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas a serem investigadas, da sua situação demográfica.

A aplicação da metodologia geo-sociolingüística nos levou a buscar todas as informações sociais de acordo com nossa pesquisa. Uma ficha de informantes foi estabelecida e um questionário piloto.

A aplicação de bons questionários, a seleção de bons instrumentos de tratamento de dados ajudam na interpretação e são de grande importância para o projeto.

Ainda nesta fase começamos a escolher os pontos lingüísticos que vão ser pesquisados. Dois critérios formam a base da escolha dos pontos de inquérito: a importância histórica do ponto lingüístico e a densidade da população. Foram selecionadas 57 pontos de inquérito em relações as seis mesorregiões que formam o Estado do Pará:

- 1 - Mesorregião de Baixo Amazonas: 4 pontos
- Faro, Oriximiná, Santarém, Porto de Moz
- 2 - Mesorregião Marajó: 5 pontos
- Melgaço, Anajás, Breves, Chaves, Soure
- 3 - Mesorregião Metropolitana de Belém: 7 pontos
- Castanhal, Benevides, Belém, Bujaru, Santa Isabel do Pará, Barcarena, Santo Antônio do Tauá
- 4 - Mesorregião Nordeste Paraense: 22 pontos
- Maracanã, Marapanim, Salinas, São Caetano de Odivelas, Vigia, Capanema, Bragança, Nova Timboteua, Primavera, Baião, Cametá, Abaetetuba, Igarapé Mirim, Oeiras do Pará, Acará, Concórdia, Moju, Tomé Açu, Capitão Poço, Ourém, São Domingos do Capim, Viseu.
- 5 - Mesorregião Sudoeste: 6 pontos
- Itaituba, Jacareacanga, Altamira, Medicilândia, Pacajá, S. José Porfírio
- 6 - Mesorregião Sudeste: 13
- Tucuruí, Itupiranga, Dom Eliseu, Paragominas, São Félix do Xingú, Curionópolis, Marabá, São João do Araguaia, Redenção, São Geraldo do Araguaia, Xinguara, Santana de Araguaia, Conceição do Araguaia.

Vão ser pesquisados 57 pontos lingüísticos com uma dupla metodologia:

- uma pesquisa urbana com 01 ponto de inquérito cada uma.

- uma pesquisa rural com todos os 57 pontos lingüísticos.

A pesquisa urbana: envolve a elaboração de uma amostra estratificada de uma cidade. Os seguintes critérios extralingüísticos servirão para a pesquisa urbana:

- Sexo: M/F;
- Faixa etária: 15-25, 26-45, + 46 anos;

- Escolarização: analfabetos, 1º grau, 2º grau ;
- Renda familiar: Renda baixa, renda média/alta;

A amostra urbana será composta de 42 informantes estratificados no ponto de inquérito. Essa pesquisa urbana será de natureza sociolingüística.

A pesquisa rural: uma pesquisa de cunho dialetológico que incluirá os 57 pontos geográficos já identificados. Em cada ponto serão entrevistados 4 informantes: 2 analfabetos homem e mulher entre 18 e 30 anos e 2 escolarizados homem e mulher entre 45 e 70 anos. Um questionário geral será aplicado seguindo a tradição dialetológica.

Este questionário, já elaborado, tem como base a primeira versão do questionário semântico-lexical elaborado para o ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL¹¹ acrescido de itens dos Questionários usados para a construção do Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo e do Estado do Paraná e ainda de outros itens por nós acrescentados. Esta primeira versão foi aplicada com informantes de duas cidades: Barcarena e Castanhal, em caráter experimental. A partir dessa primeira aplicação estamos avaliando a pertinência de seus itens, como também o número de questões. Exemplos de perguntas que compõem o questionário:

Perg..

ANTEONTEM... o dia que foi antes desse dia?

... e um dia para trás?

TRASANTEONTEM*** ANTESDONTE / TRESONTONTE/TRANSANTONTEM..

. o dia que foi antes de (item 40) ? ..

. e mais um dia para trás ?

POMO-DE-ADÃO***/GOGÓ

... esta parte alta do pescoço do homem? (apontar)

Segunda etapa¹²

Esta etapa envolve as questões relativas ao acesso às localidades, contato com os informantes, a identificação do material recolhido.

Terceira etapa

Nesta etapa processa-se a transcrição grafemática e fonética dos dados obtidos através do questionário. Em seguida faz-se a análise dos dados, observando os aspectos fonéticos - morfo - sintático e lexical em estudo.

Quarta etapa

Nesta etapa preparam-se as cartas lingüísticas que comporão o Atlas, publica-se e divulga-se e, a partir dos dados fornecidos pelo Atlas, inúmeros trabalhos podem ser desenvolvidos.

Resta esperar, como Celso Cunha, que os frutos, desse penoso trabalho, sirva para que:

Abandonemos, pois, esse ensino inoperante de regras e exceções. Estudemos a língua.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARAGÃO, Maria do Socorro da Silva & MENEZES, Cleusa Palmeira Bezerra de. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPQ, Coordenação Editorial, 1984, 2v.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Problemas de comunicação interdialetoal. Sociolingüística e ensino do vernáculo*. Tempo Brasileiro 78/ 79, Rio de Janeiro, 1984.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A Geografia Lingüística no Brasil. Série Princípios*. São Paulo: Ática, 1991.
- CARDOSO, Suzana. *O (s) atlas lingüísticos (s) do Brasil: atualidade e importância*. In: VI Encontro de Estudos do bilingüismo e variação lingüística na região Sul, Anais, Universidade Federal do Paraná
- CARLOTA, Ferreira & alii. *Diversidade do Português do Brasil; estudos de dialetologia rural e outros*. 2a ed. Revista, UFBA, 1994.
- CARUSO, Pedro. *Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo: Questionário*. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia/Unesp. Comportamento lingüístico do dialeto rural. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.
- ELIA, Silvio. *Orientações da Lingüística Moderna*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- FERREIRA, Carlota; MOTA Jacyra, FREIRAS Judth, ANDRADE Nadja, CARDOSO, Suzana, ROLLEMBERG Vera, ROSSI Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA: Fundesc, 1987.
- FERREIRA, Carlota & CARDOSO, Suzana. *A Dialetologia no Brasil. Série Repensando a língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 1994.
- HOLM, John. *Popular Brazilian Portuguese: a semi-creole*. 1986.
- HOUSAISS, A. J. *O Português no Brasil*. Rio de Janeiro: Unibrade/Unesco, 1985.
- LOBO, Tânia. *Variantes nacionais do Português: sobre questão da definição do Português do Brasil*. Revista Internacional de Língua Portuguesa. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, n. 12 p 9-16, 1994.
- MOLLICA, Maria Cecilia. *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ. 1992 (Cadernos didáticos UFRJ).
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Aspectos da difusão lexical*. Revista de Estudos da Linguagem, ano I, v. 1, p. Belo Horizonte, UFMG, n 7 p. 71-89, Dez. 1992.
- PONTES, Ismael. *Regra Variável e Estrutura Sociolingüística - um caminho para sistematização da variação lingüística*. São Paulo. UNESP-Car. Faculdade de Ciências e Letras, 1996. 218 F1. mineo. Tese de Doutorado em Letras.
- RIBEIRO, José, ZAGARI Mário, PASSINI José, GALO Antônio. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais, I*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1997.
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Introdução. Questionário comentado. Elenco das Respostas transcritas. Rio de Janeiro : MEC-INL, 1965.
- ROMAINE, Suzana. *Language in society. Na introduction to sociolinguistics*. Oxford: University Press 1994.
- TARALLO, Fernando & alii. *A Pesquisa Sociolingüística. Série Princípios*, São Paulo, 1986.
- Fotografias sociolingüísticas. Campinas, ed. da Unicamp, Pontes.
- TARALLO, Fernando & alii. *Harmonia Trans-sistêmica: Variação intra interlingüística*. Campinas: Preedição-5 (1989).
- VANDERCI de Andrade Aguilera. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba, 1986.

¹¹ O objetivo de manter a mesma base do ALiB é o de poder fazer, no futuro, comparações com outras regiões do Brasil.

¹² A elaboração do Atlas Lingüístico do Pará encontra-se, no momento, no início desta fase.